

MATÉRIA DO JORNAL “DIÁRIO CARIOCA”

(Quinta-feira, 2 de outubro de 1958.)

AMEAÇADO O FAXINEIRO: “RIO NOBRE”. DEPÔS EM JUÍZO SOBRE MORTE DE AÍDA CURÍ.

João Teles, faxineiro do Edifício rio Nobre (onde foi morta Aída Curi), disse ontem, em Juízo, que foi ameaçado por uma tia do menor Cássio Murilo e por um “homem branco, forte, de barba raspada e bigode”, quando lhes disse que o porteiro Antônio João conversava com um conhecido, numa das entradas do prédio, quando a moça foi assassinada.

O faxineiro, que é primo do porteiro, afirmou que uma irmã de d. Cacilda, mãe de Cássio, e um homem procuraram-no no dia 27 de agosto, para inquiri-lo. Quando ouviram a sua história, disseram que ele mentia. O homem fez menção de esmurrá-lo, mas o faxineiro se esquivou. Foi o atual porteiro do prédio que acalmou os ânimos, intervindo.

João Teles, que é testemunha de defesa do porteiro, e Zilza Maria Fonseca, testemunha de defesa de Ronaldo Castro, prestaram depoimento perante o Juiz da 1ª Vara Criminal.

O depoimento do faxineiro foi muito confuso. É um homem ignorante que parece não ter a menor noção do tempo. Errou sempre que procurava dizer a que horas havia se dado este ou aquele fato.

João Teles disse que estava lavando um automóvel, na garagem do edifício, quando ouviu um baque violento, na calçada. Foi ver o que havia. Viu o corpo ensanguentado de uma moça. Voltou ao edifício, procurando o porteiro. Encontrou-o conversando com um amigo chamado Juarez, na portaria que dá para a Rua Aires Saldanha. Disse-lhe o que vira e voltou para a garagem. Foi terminar a lavagem do carro.

Esta declaração do faxineiro irritou o Juiz que lhe perguntou se não tinha nenhum sentimento de humanidade. O faxineiro, que prestava depoimento com muita dificuldade, ficou ainda mais confuso e não sabia responder. O Juiz lhe perguntava porque não se acercara de Aída ou tomara uma providência. O faxineiro engolia em seco e não respondia.

BANANAS OU JACA.

A esta altura o Juiz perdeu a paciência e indagou:

- “Então, a moça estendida na calçada, caída do prédio, era, para você, a mesma coisa que um cacho de bananas ou uma jaca que houvesse despencado?”

Interveio, então, o advogado do porteiro, Augusto Thompson, para dizer ao Juiz que o faxineiro era um homem ignorante e que merecia uma certa dose de paciência. O Juiz disse que não admitia interrupções e recomendou ao advogado que “guardasse o socorro que queria prestar à testemunha para a devida oportunidade”.

O advogado disse que estranhava o fato do Juiz tratar tão mal uma “testemunha humilde”, quando havia tratado com tanta cortesia todas as outras. Houve um bate-boca entre o Juiz e o advogado, mas durou pouco.
